

VIGIAR A VELHICE, VIGIAR O FUTURO: TECNOLOGIA, ANTECIPAÇÃO E GOVERNO DE CONDUTAS

OLD AGE SURVEILLANCE, FUTURE SURVEILLANCE: TECHNOLOGY, ANTICIPATION AND CONDUCT GOVERNANCE

Cláudia Linhares Sanz¹

Mirella Ramos Costa Pessoa^{2□*}

RESUMO:

O artigo propõe discutir as imagens da velhice contemporânea a partir das relações entre vigilância, risco e governo de condutas. Trata-se de pensar, segundo uma perspectiva genealógica, como os atuais sentidos de ser velho estão entrelaçados ao regime de visibilidade contemporâneo, em especial, às dinâmicas de vigilância. De fato, a “nova imagem da terceira idade” não é apenas matéria de anúncios de bancos, aplicativos de beleza, comerciais de seguro de saúde ou campanhas de medicamentos sexuais, para citar alguns. Na realidade, ao incorporar progressivamente os velhos no campo produtivo, o neoliberalismo faz circular imagens que servem tanto para conformar um tipo de velhice performática e empresarial quanto para ampliar seu acervo de dados. As redes atuais de vigilância se apropriam, assim, também dos perfis da velhice contemporânea: hábitos de alimentação, cuidados com a saúde, comportamentos de compra, práticas de poupança. Tais dados, além de sustentarem padrões e tipos de velhice mais “adequados” às dinâmicas atuais, também ancoram intervenções sobre indivíduos e populações, legitimando ou deslegitimando investimentos e reformas governamentais. Nessa rede de sentidos, os minuciosos procedimentos de vigilância - que já não se limitam a lugares confinados ou a populações específicas - também não se restringem à nossa atualidade.

1 Pós-doutora no Zentrum für Literatur-und Kulturforschung (ZfL), em Berlim. Líder do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação também da UnB. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência em Berlim. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF; Pós-Graduada em Fotografia pela Universidade Cândido Mendes; jornalista graduada pela UFF. claudialinharessanz@gmail.com

2□* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), onde apresentou o trabalho “Fases do futuro: imagens da velhice no regime de visibilidade contemporâneo”, desenvolvido com apoio financeiro de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Faz parte do grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade. mihpessoa@gmail.com

Tal diagrama opera igualmente quando a velhice é ainda mera expectativa. Trata-se de tornar o processo de envelhecimento, com suas diversas fases e seus efeitos, eterno alvo de monitoramento, minucioso e digital. Algo que se realiza num movimento contínuo de antecipação do futuro, transformando a própria velhice em crescente fator de risco, tanto individual como social.

PALAVRAS-CHAVE:

Velhice, vigilância, futuro.

ABSTRACT:

The article proposes to discuss the images of contemporary old age from the relations between surveillance, risk and governmentality. It is a question of thinking, from a genealogical perspective, how current senses of being old are intertwined with contemporary visibility regime, especially with the dynamics of surveillance. In fact, the “new image of old age” is not just a matter of bank advertisements, beauty apps, health insurance commercials or sex drug campaigns, to name a few. In fact, by progressively incorporating old age into productive field, neoliberalism circulates images that serve both to shape a kind of performative and entrepreneurial old age and to broaden their data. Current surveillance networks thus also appropriate contemporary profiles of old age: eating habits, health care, purchasing behaviors, saving practices. Data that not only support patterns and types of old age “more appropriate” to current dynamics, also anchor interventions on individuals and populations, legitimizing (or delegitimizing) investments and government reforms. In this network senses, thorough surveillance procedures - no longer bound to confined places or specific populations - are not restricted to our present day either. Such a diagram operates equally when old age is still mere expectation. It is about making the aging process - its various phases and its effects - a timely and digital monitoring target. This is done in a continuous movement of future anticipation, transforming old age itself into a growing risk factor, both individual and social.

KEYWORDS:

Ageing, surveillance, future.

INTRODUÇÃO¹

Um conjunto extra de olhos pode ser importante em fábricas, no controle do tráfego aéreo, na medicina ou em qualquer outro campo.

Também os idosos que vivem sozinhos em casa podem se beneficiar de ter alguém de olho neles.

(KEPLER..., 2019)

Segurança, eficácia, saúde, autonomia e sociabilidade são algumas das razões para que a velhice contemporânea - pelo menos nas classes mais favorecidas - exija procedimentos cada vez mais permanentes de vigilância. De fato, as novas tecnologias de segurança não são personagens coadjuvantes nas narrativas hegemônicas acerca de uma velhice bem-sucedida. Muito pelo contrário: não é raro aparecerem como promessas para que essa etapa da vida não seja um fardo, nem para o velho, nem para a família, nem para o Estado. Não por acaso a indústria tecnológica tem investido quantias significativas para inovar na produção de dispositivos voltados para essa crescente fatia do mercado². A cada feira, novos produtos eletrônicos são anunciados para acompanhar os idosos em suas rotinas, auxiliar nas tarefas cotidianas, controlar seus fluidos, observar permanentemente o ritmo de seus batimentos cardíacos e, a partir de combinações algorítmicas, trabalhar na prevenção de situações de riscos a evitar³. Combinando procedimentos de monitoramento on-line em “tempo real” a modos inovadores de coleta e mineração de dados que funcionam alimentando sistemas preditivos e antecipatórios, a vigilância contemporânea promete ser um elemento imprescindível para que, finalmente, os idosos possam ter a vida desejada - livre, dinâmica, conectada e independente.

Plataformas de inteligência artificial, como o CarePredict, asseguram que, através de sensores leves e vestíveis, projetados especialmente para idosos, é possível controlar suas vidas de forma discreta e contínua: como bebem, comem, caminham, se fumam, de que maneira se arrumam, a frequência com que vão ao banheiro, se tomam banho ou o tempo que dormem⁴. A propósito, prometem muito mais: garantem que podem identificar desvios de padrões de comportamento saudáveis, sintomas de autonegligência, indicativos de depressão, atividades inadequadas de higiene bucal, sinais de infecção do trato urinário ou até mesmo indicar o aumento do risco de queda devido à desnutrição, a alterações dos níveis de descanso ou simplesmente por desidratação⁵.

Trata-se de monitorar - em nome da segurança e da saúde - cada vez mais o maior número de atividades, não apenas aquelas pretensamente inadequadas para a rotina do velho, possivelmente perigosas ou sinais decorrentes de alguma crise, “como deitar-se

no chão em vez de no sofá”⁶. (KEPLER..., 2019) Além delas, também as atividades básicas que todos nós realizamos são comparadas a padrões de linguagem corporal, a “níveis recomendados de ingestão de líquido, exercício, sono e outras atividades”. (Op. cit.) Trata-se de dispositivos dos mais diversos tipos, que devem a todo tempo prever situações arriscadas e emitir alertas para evitar o perigo, capazes, por exemplo, de rastrear - como faz o DFree⁷ - a progressão dos movimentos da bexiga e as alterações de seu tamanho, prevendo os intervalos de micção e enviando avisos para que o idoso chegue a tempo ao banheiro. São tecnologias que prometem mais eficiência do que o cuidado realizado pelos humanos, podendo mesmo atenuar de forma bastante prática um dos principais problemas de uma população envelhecida: a solidão. Assim, nesse novo arsenal tecnológico voltado para o zelo com a velhice, não poderiam faltar os pequenos e simpáticos robôs. Invenções como ElliQ⁸ e Samsung Bot Care⁹ são cuidadores-robôs para idosos que moram sozinhos - capazes de reconhecer a voz de seus donos, tocar suas músicas preferidas ou exibir fotografias do álbum de família, monitorá-los permanentemente numa vigília pretensamente mais eficiente do que a de qualquer membro da família.

A vigilância contemporânea do idoso, no entanto, vai muito além do âmbito da saúde. Os “olhares” ininterruptos dos algoritmos são incansáveis também quando os velhos compram, pesquisam ou se relacionam em redes sociais. Não por coincidência, dados de buscas e rastros de compras dessa faixa etária integraram o relatório gerado pela Google, em 2019¹⁰. Cruzando dados internacionais da Organização Mundial de Saúde (OMS) e informações brasileiras produzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de seus próprios dados internos, o relatório do Google constata que a população idosa não só vai se tornar maioria, como será cada vez mais conectada, tendo interesses e hábitos de consumo plurais. Diante desses dados, ser um mundo em envelhecimento não é mais mera perspectiva futura. Nesse sentido, diferente de outros momentos históricos em que ser velho supunha certo distanciamento social, período de descanso ou recolhimento¹¹, os idosos contemporâneos têm, ao mesmo tempo, a liberdade e o dever de estar integrados ao mundo, sobretudo o do consumo, engrossando as fileiras de cidadãos permanentemente monitorados. A recomendação dos analistas do Google, aliás, é no sentido de que as marcas olhem os idosos com uma visão rejuvenescida:

Tendo o seu futuro expandido, a população sênior está mais ativa, mais saudável, consome mais e está mais conectada do que nunca com o seu mundo [...] entender e integrar essas

peças é algo que cabe a todos - indivíduos, empresas, agências e marcas. (MACEIRA; CALIXTO, 2019)

Estar conectado como nunca antes ao “mundo” - para usar esse *slogan* empresarial bastante desgastado - significa, como veremos nesse artigo, estar submetido a mecanismos cada vez mais ubíquos de vigilância e aos regimes de verdade que os legitimam. Assim, entre os procedimentos contemporâneos de vigilância e a velhice atual, surgem hoje, não somente máquinas inéditas, mas também regimes próprios de visibilidade: conjuntos e jogos de narrativas, de discursos, práticas, normas, regras, saberes que constituem as condições de possibilidade para que determinadas imagens emergjam como visíveis, para que certas verdades funcionem como tal. De fato, essas máquinas de ver - da qual a vigilância é uma das suas funções - são também máquinas de dizer (e crer), dispositivos que organizam grades próprias de inteligibilidade e de enunciação. Grades que não se referem apenas aos corpos e subjetividades que já foram “tomados” pelo envelhecimento, já que operam igualmente ordenando visibilidades e interpretações acerca da velhice como futuro, expectativa, destino ou, simplesmente, “risco”.

DA CASA DOS POBRES À SMARHOUSE: VIGILÂNCIA E MODOS DE APRENDER A SER VELHO

Velhice não é questão de idade; é falta de entusiasmo pela vida.
(JARDIM, 2014)

Os anciãos de ambos os sexos serão exercitados em atos de piedade próprios para sua idade.
Hospício de Pobres (MÉXICO, 1806)

Segundo as estatísticas divulgadas pela OMS, em 2020 o número de pessoas com 60 anos ou mais no mundo ultrapassará o número de crianças menores de 5 anos. Sendo crescente o ritmo de envelhecimento da população, entre 2015 e 2050, a proporção da população mundial dessa faixa praticamente dobrará, passando de 12% para 22%¹². Não é coincidência, portanto, que a Google defenda que “é hora de aposentar o conceito de velho”, título de um dos seus relatórios, divulgado este ano (MACEIRA; CALIXTO, 2019), em que seus consultores analisam as tendências de consumo, mudanças de comportamento dos usuários e oferecem “insights valiosos” àqueles que caçam oportunidades no mercado voraz e inovador. Segundo o relatório, os dados apresentados demonstrariam o quanto a velhice contemporânea não é mais o que costumava ser. Nessa perspectiva, coletar e analisar seus atuais (e plurais) perfis de compra, nacional e internacionalmente, configuram-se como uma espécie de urgência do mercado.

De fato, o ganho da longevidade, da autonomia, da mobilidade, da independência, da vida ativa e saudável estendida até os últimos momentos de vida converte-se em desejos e verdades inéditas para a velhice, que a afastam - cada vez mais - dos sentimentos que tradicionalmente a caracterizavam, pelo menos no mundo ocidental. Entre novas liberdades e novas submissões, ser velho no contemporâneo ganha contornos próprios - configurações que se entrelaçam de modo estreito com as novas tecnologias da imagem, tanto aquelas que servem às dinâmicas do espetáculo (DEBORD, 1997) quanto as que mais diretamente aparecem ligadas à vigilância. Pelo menos desde a Modernidade, vigilância e velhice funcionaram como dispositivos complementares numa engrenagem organizada para controle, racionalização das forças e normatização dos indivíduos e da população. É justamente na sobreposição das tecnologias disciplinares (aquelas centradas especialmente no corpo individual) às tecnologias do biopoder (aquelas que se dirigirão ao homem como espécie) que a idade aparece como um problema de governo de si e dos outros e não mais como mera etapa da vida. A propagação das instituições de confinamento, tão bem analisada por Foucault (1999b), não se dedica apenas à aplicação das tecnologias de poder sobre os corpos das crianças, dos trabalhadores, dos doentes ou dos loucos. Também os velhos são muitas vezes considerados pessoas que necessitam ser “mantidas sob inspeção”, para usar as palavras do célebre Jeremy Bentham (2008). A velhice, ao lado da loucura, da delinquência, da criminalidade, da infidelidade e da blasfêmia, e todos aqueles personagens condenados pelo ócio serão progressivamente excluídos do espaço social, inscritos no contingente eminentemente negativo e perigoso da sociedade. (BIRMAN, 2015)

Não por coincidência, um dos critérios utilizados nas *Workhouses* e nas Casas dos pobres europeias para separar, classificar e controlar seus internos era a idade, além da capacidade de trabalho e doenças - elementos que de muitos modos acabavam também por se relacionar com a questão do envelhecimento. Como explicavam os comissários ingleses à rainha britânica, em 1834, a divisão dos internos por faixa etária representaria uma significativa melhora no funcionamento das instituições e maior efetividade da aplicação da Lei dos Pobres¹³. De acordo com os relatórios apresentados na época, em pelo menos quatro classes seria necessário organizar os internos a fim de efetivar o sucesso das instituições: “a primeira, dos idosos e realmente impotentes; a segunda, das crianças; a terceira, das fêmeas saudáveis; e, por último, a dos machos fisicamente aptos”. (GREAT BRITAIN, 1834, p. 306) Como as turmas classificadas por idade nas escolas e os doentes organizados em alas nos hospitais, os pobres e velhos também eram

encaixados em categorias e colocados em espaços devidamente distribuídos e vigiados. De fato, é na modernidade que essas categorias definidas de acordo com a idade - como a infância e a velhice - se tornam fundamentais para a administração, o gerenciamento e os cuidados providos pelo Estado. Essa realidade não era exclusiva do continente europeu. Na Cidade do México, por exemplo, o Hospício dos Pobres possuía, em 1806, alas exclusivas tanto para “jovens pobres” quanto para “os verdadeiramente carentes por sua velhice, miséria e pobreza”. (MÉXICO, 1806) Também no Brasil, o decreto nº 9.274, de 1884, estabelece as regras de ingresso e funcionamento do Asylo de Mendicidade da Côrte a partir de cortes etários, determinando que o asilo deveria receber,

[...] em primeiro lugar, menores de 14 annos encontrados nas ruas em abandono ou na ociosidade; em segundo, aqueles que por seu estado physico ou idade avançada, não podendo pelo trabalho prover as primeiras necessidades da vida, tiverem o habito de esmolar (BRASIL, 1884).

Decerto, as técnicas centradas no corpo e no indivíduo, sua distribuição espacial ou sua regulação temporal, a colocação dessas pessoas em séries, a organização de um campo de visibilidade adequado a esse tipo disciplinar de poder só poderiam, de fato, se efetivar levando em conta aquilo que havia de mais essencial no próprio indivíduo: sua vida, vitalidade, força física, saúde, seu envelhecimento. Gerenciar essa vida individual (e, mais tarde, a vida como espécie) dependia também de racionalizar, da forma menos onerosa possível, a vida em suas diversas etapas, em seu desenvolvimento físico e moral. Assim, o indivíduo excluído do campo da atividade, que está fraco ou enfermo, torna-se parte fundamental do campo de intervenção - campo que deveria pôr (ou tirar) sujeitos de circuito, neutralizá-los ou não, colocá-los em instituições de assistência, submetê-los a mecanismos sutis e racionais, introduzi-los à dispositivos de segurança, além de os inserir em esquemas de poupança individual e coletiva. (FOUCAULT, 1999a, p. 291)

Tal processo implica não apenas a implantação - sobretudo a partir das instituições disciplinares - do monitoramento constante, mas também a produção de novos saberes acerca da vida e dos processos que lhe são inerentes, como as taxas de natalidade, mortalidade e longevidade. Na perspectiva de Foucault (1999a, p. 293), tratou-se então de uma biopolítica que transformou todo um conjunto de novos problemas (como o da saúde ou da velhice) em problemas a um só tempo científicos e políticos; em problemas biológicos e de poder. Nessa implantação biopolítica, aquele corpo individual treinado

pela disciplina ligava-se então a esquemas mais gerais de controle, esquemas de regulamentação da espécie, de produção de padrões massivos, necessários à regulamentação da população. Não por acaso a medicina se torna uma técnica política de intervenção, um saber-poder que incide, concomitantemente, sobre o corpo e a população, sobre os organismos e sobre os processos biológicos, tendo efeitos tanto disciplinares quanto reguladores. (FOUCAULT, 1999a, p. 302) Como avalia Birman (2015), fez-se necessário controlar meticulosamente os processos vitais, nos registros individual e coletivo, pela medicalização ativa do espaço social e pela promoção da prevenção da saúde.

Nesse processo, a vigilância não é coadjuvante; ela garante tal ordem classificatória, colocando em prática a perspectiva médica, que funciona como baliza entre o corpo saudável e o corpo em declínio, o corpo utilizável e o corpo não “apto”¹⁴. Como indicou o regulamento do Hospício de Pobres da Cidade do México, os anciãos deveriam estar sob “cuidados e vigilância constantes para precaver que esse piedoso estabelecimento sirva de promoção ou abrigo à ociosidade de quem pode trabalhar”. (MÉXICO, 1806, p. 5) Assim, tanto nas casas de pobres quanto nos asilos ou nas cidades operárias, os mecanismos que punham em visibilidade os indivíduos vigiados eram continuamente atravessados e apoiados por mecanismos normatizadores (nos termos apresentados por Foucault) que deveriam induzir e garantir comportamentos compatíveis também com sua faixa etária, visando procedimentos de poupança, de ingresso em sistemas de seguro-saúde, em regras de higiene e comportamentos adequados à longevidade. (FOUCAULT, 1999a, p. 300) De fato, entre a disciplina e a regulamentação está a norma (também generalizada), aquela que prescreve lógicas e organiza o tecido social, criando e sustentando verdades que vão do orgânico ao biológico, do corpo à população. Nesse entrecruzamento está também a velhice: velhice como problema do poder, como objeto de gestão de uma racionalidade de governo, como dispositivo de segurança no campo da razão de Estado.

Em consequência, indica Sais (2011, p. 53), desde o século XVIII a arte de aprender a ser tornou-se necessariamente a arte de aprender a ser criança, a ser adolescente, a ser adulto e, finalmente, a ser velho. Isso significa que os processos que passaram a regulamentar a vida implicaram (e estavam implicados na) emergência de certos afetos ou, como nomeia Ariès (1986), “sentimentos” inéditos. Segundo o autor, a emergência da infância - como um momento da vida que exigiria certos cuidados e tutorias - coincide com o nascimento de sentimentos inteiramente novos na história, algo que só pôde

ocorrer articulado também ao sucesso das instituições escolares e às práticas pedagógicas. Trata-se de uma relação estreita: essas novas maneiras de conceber tanto a infância quanto a velhice legitimavam as instituições de confinamento e o regime de vigiância que elas supunham. Por outro lado, tais instituições intensificavam esses “modos de sentir”, para usar os termos de Ariès, desdobrando-os em um arsenal de técnicas de autorregulação (autoconhecimento, autocontrole e vigília de si).

Cabe, entretanto, lembrar que esses “sentimentos” não estavam apartados das questões de classe. Os termos “velho” e “velhote”, por exemplo, (diferentemente do velho-nobre) eram principalmente utilizados para designar aqueles que não tinham capacidade de se sustentar. Como afirma Peixoto (1998), a velhice na França do século XIX só existia para aqueles que, tendo somente a força de trabalho para vender, tinham o fim da vida associado a perdas ou esgotamento de suas fontes de subsistência. O patriarca, entretanto, o abastado que possuía e administrava seus bens, era chamado de idoso; o próprio termo, portanto, configurava na época um fator de separação entre classes. Eram, por conseguinte, sobretudo os velhos pobres - quando seus corpos já fossem improdutivos - que deveriam estar internados nas tradicionais casas de pobres, *workhouses*, ou nos exemplares latino-americanos (os asilos de caridade e hospitais de pobres). E se a proposta inicial dessas instituições não era necessariamente destinadas aos velhos, ela serviram para que a categoria da velhice fosse sendo firmada como tecnologias de diferenciação social, distinção entre sujeitos produtivos e improdutivos, diferenciação que, como aponta Katz (1996), vai aos poucos ultrapassando os próprios muros institucionais.

Nessa perspectiva, do mesmo modo que as práticas escolares disciplinares foram fundamentais para implantação do sentido moderno da infância, também as instituições que confinaram e vigiaram a velhice, suas lógicas operacionais e o conjunto de saberes e práticas que as sustentavam são peças importantes na constituição de uma acepção de velhice própria da Modernidade. Não por coincidência, no hospício mexicano dos pobres, “os anciãos de ambos os sexos” deveriam ser “exercitados em atos de piedade próprios para sua idade” (MÉXICO, 1806, p. 5): tratava-se não somente de monitorar e cuidar, tornar produtivo ou confinar a improdutividade, mas também de prescrever aquilo que era próprio (ou não) de um estágio da vida, de uma fase marcada pelo declínio do corpo e pela dependência. Tal prescrição enclausurava o sujeito velho numa espécie de invisibilidade, já que além de estar fora do marco produtivo estava também

limitado às especificidades de seu precário funcionamento biológico. Nesse sentido, como indica Birman (1995; 2015), a velhice moderna está esvaziada de valor simbólico, destituída de qualquer qualificação social e econômica porque está reduzida à ausência de potencial produtivo; porque está limitada a ser o estágio final da vida, a imagem de sua degradação natural, o ápice da derrocada na existência humana.

Esse paradigma biológico de orientação teórica evolucionista - que reduz a velhice a ser meramente o fim da vida (BIRMAN, 2015) - se desdobra numa série de novos saberes e norteia, por exemplo, linhas de pesquisa psíquica e a própria emergência da geriatria. Como descreve o manual *Old age, its care and treatment in health and disease* (A velhice: seu cuidado e tratamento na saúde e na doença), escrito por Robert Saundby (1914), o corpo velho deve ser avaliado sobretudo como corpo em degeneração, corpo patológico e em involução: “como o poder de assimilação é diminuído e a atividade geralmente se reduz bastante, a oferta de alimentos deve estar na devida proporção” (p. 252). Trata-se de instruções que produzem e reforçam a ideia de velhice como um estágio fixo que não pode ser evitado ou flexibilizado, estágio de decadência, e, ao mesmo tempo, controlam e vigiam os aspectos do envelhecimento que já assolam os pacientes observados.

Tais imagens modernas, entretanto, parecem contrastar cada vez mais com aquelas que circulam hoje socialmente, pelo menos nos discursos e nas narrativas hegemônicas. Se o corpo velho da modernidade estava enclausurado no corpo curvado, atrelado às descrições médicas da normalidade de sua decadência, confinado nas instituições panópticas de seu tempo, o corpo velho contemporâneo está submetido a outras exigências, a outros regimes de visibilidade e a outros sonhos de vigilância. Como já tratamos brevemente no início do artigo, os velhos, assim como todos nós, estão submetidos a um arsenal cada vez maior de dispositivos que, de modo direto ou indireto, tecem uma vigilância absolutamente ubíqua. Não se trata apenas da ampliação espaço-temporal do monitoramento, agora realizado tanto por homens e instituições, quanto por máquinas e *softwares*, mas também da consolidação de circuitos variados de legitimação - como a segurança, a eficácia informacional, a visibilidade e a sociabilidade - que transformam a vigilância em uma espécie de resultado natural ou em uma fatalidade inescapável dos modos atuais de viver, inclusive para os velhos¹⁵.

A velhice positiva, considerada de sucesso e feliz, aparece, e não por acaso, no imaginário contemporâneo cada vez mais atrelada a sua habilidade em inspecionar

permanentemente os riscos atuais e futuros. O êxito de uma velhice saudável no contemporâneo pressupõe, aliás, que nossos corpos já não sejam nem curvados, nem confinados, nem invisíveis socialmente: muito pelo contrário, somos exigidos a ser eternamente joviais, flexíveis, independentes, atualizados e, como mencionado na introdução deste artigo, em caráter permanente observados e “cuidados” por máquinas inteligentes. Devemos ser como as *vovlóggers* da propaganda de um banco brasileiro¹⁶, mulheres que não consideram o envelhecimento empecilho para a conexão, muito menos para a autonomia ou para o entretenimento. Indivíduos que não aceitam, pelo menos sem lutar, os limites do corpo ou da mente - como “deveriam” fazer os velhos modernos.

Claro, tratamos aqui não da velhice propriamente dita, não de como é vivenciada em sua materialidade, em sua pluralidade, em sua diversidade social. Na realidade, em todos os momentos históricos muitas velhices paralelas são de fato vividas e narradas. Simone de Beauvoir (1970) evidencia em sua incursão ensaística a dificuldade de escrever uma única história da velhice. Para a autora, a luta de classes determina o modo como o indivíduo se torna presa dessa etapa da vida, havendo abismos entre um velho escravo e um velho magnata. Da mesma forma, conforme defende Debert (1999), gênero e etnia também alteram os modos de viver e experimentar a velhice socialmente. Isso, entretanto, não significa que em determinado momento histórico certo regime de verdade (e de visibilidade) não se sobreponha como hegemônico. Pelo contrário, discutimos aqui como prevalece hoje um conjunto de enunciados, tecido na relação entre velhice e subjetividade, poder e saber, tecnologia e regime de imagens. Assim, a análise proposta aqui se dedica a pensar a configuração dos sentidos hegemônicos da velhice contemporânea naquilo em que ela se relaciona com os diagramas atuais de vigilância, que, de modo mais amplo, alcançam aspectos largos de um dado momento histórico para o qual voltamos nosso olhar.

Nessa discursividade dominante, os velhos de sucesso deveriam ser como Jim, protagonista idoso do filme *Um lugar melhor* que, em vez de ir para algum asilo ou ficar dependente da família, escolhe morar sozinho exatamente porque as tecnologias lhe permitem “ser quem ele é”¹⁷. “Chamo isso aqui de minha casa inteligente. Temos sensores em todos os lugares. Eu os engulo. Eu os visto (risos),” diz o personagem referindo-se aos sensores que o monitoram permanentemente em seus movimentos pela casa. São as tecnologias que o cercam, que o observam constantemente e o tornam protagonista de sua própria vigilância, que lhe possibilitam segurança, que lhe garantem mobilidade,

que o tornam autônomo na gerência de sua própria vida. São as tecnologias que, enfim, aparecem aqui como o motivo pelo qual “ele não se sente perto das nove décadas de vida”¹⁸. No filme, bem como em outros enunciados que circulam atualmente (seja nas mídias, seja nos discursos médicos ou policiais), a vigilância aparece como uma ambiência ideal para a conquista de uma vida segura e confortável: uma espécie de privilégio ambicionado por todos.

Nessa perspectiva, ela é vivida menos como coerção, mais como aderência voluntária; processo que acaba por configurar um tipo de monitoramento que alcança cunhos bastante morais. De fato, trata-se de vigiar também o “estado de espírito” dos idosos - estado que já não pressupõe repouso ou retirada do campo produtivo. Essa vigilância deve garantir aos velhos também a manutenção de um ânimo vigoroso, de uma personalidade ativa, como a de Permínio Moreira¹⁹, empreendedor de 68 anos. Segundo ele, o sucesso de sua *startup* dependeu de ele ter mantido sempre uma “cabeça jovem”. De modo semelhante, a atriz Maitê Proença, hoje sexagenária, diz acreditar que, mais do que uma questão de idade, a velhice trata de “falta de entusiasmo pela vida”²⁰. Não é por acaso, portanto, que o ideal contemporâneo de velhice é materializado em imagens mais compatíveis com a figura do corpo ereto²¹, com a rapidez dos dispositivos eletrônicos, com a autoadministração e autogerência de suas bioidentidades²². Os indivíduos atuais, como tratou Debert (1999, p. 21), não são apenas monitorados para o exercício da vigilância constante do corpo; “são também responsabilizados pela sua própria saúde”, como se a decadência física ou os estados de degeneração fossem, acima de tudo, produtos de “doenças autoinfligidas, resultado de abusos corporais, como a bebida, o fumo ou a falta de exercícios”.

Assim, embora os ganhos a mais de vida sejam resultado dos avanços da medicina e o aumento de autonomia seja fruto de lutas por direitos sociais (ORTEGA, 2008), as mudanças nos discursos hegemônicos acerca da velhice também estão atrelados a processos mais amplos, inclusive com a desmontagem de um Estado fornecedor de assistência. Estado que tem, cada vez mais, tratado com desconfiança qualquer tipo de dependência, promovendo campanha significativa no sentido de responsabilizar o indivíduo (DARDOT; LAVAL, 2016) não apenas por sua saúde, mas também por sua velhice. Essa desmontagem faz daqueles que não cuidam de si os novos desviantes, muitas vezes convertidos em ameaça para o futuro da população.

VELHICE COMO FUTURO: GERENCIANDO RISCOS, GOVERNANDO CONDUTAS

Você tem ideia das dificuldades que um idoso experimenta ao realizar tarefas cotidianas? Você tem ideia do que esperar em seu próprio futuro?

Senior Suit, simulador de envelhecimento²³

“Você sabe como é ser velho?”, perguntam os desenvolvedores do Senior Suit. A vestimenta do envelhecimento promete fornecer, para aqueles que a vestirem, a vivência antecipada dos anos que virão. Óculos especiais fazem diminuir a acuidade visual, bandagens limitam a mobilidade, cápsulas de ouvido diminuem a compreensão da fala; esses são alguns dos mecanismos que permitem ao Senior Suit oferecer a possibilidade de envelhecer 40 anos em “cinco minutos”²⁴. Tal simulação promete ao usuário experimentar hoje o que será o futuro de suas articulações físicas, de sua incapacidade motora ou de sua degeneração ocular, capacitando profissionais que lidarão com os idosos e conscientizando os jovens sobre o que “esperar de seu futuro”²⁵.

Como o “terno de ser velho”, outros dispositivos contemporâneos garantem que é possível antecipar a experiência do porvir. O *software* da Change my Face, por exemplo, um “programa de envelhecimento e estilo de vida”, assegura a seus clientes que a partir da imagem das marcas no próprio rosto poderão conhecer as alterações que, no futuro, serão resultado do tempo, do tabagismo ou de drogas. Além disso, oferece também uma calculadora de pensão e uma ferramenta para “visualizar como você irá envelhecer de acordo com o quanto você economiza ao longo da vida”²⁶. A proposta da calculadora é prevenir o usuário acerca das consequências na velhice do pouco investimento financeiro ao longo da vida. Segundo o aplicativo, “você pode ver-se aposentado, pior ou melhor, dependendo de quanto economiza; ou ver com qual idade poderá aposentar-se dependendo de quanto está economizando”²⁷.

Programas como esse são lançados a todo momento: oferecem tipos de cálculo e técnicas pretensamente cada vez mais inovadores, prometendo previsões sempre mais acuradas - mapeamentos que indicariam de forma assertiva a idade provável do surgimento de enfermidades, os danos exatos das rotinas de um fumante, o resultado preciso de investimentos financeiros, ou as partes do corpo mais vulneráveis aos danos do “envelhecimento”. Neles, são os algoritmos que trabalham para que aquele conjunto de dados e instruções introduzido na máquina possa verter o mistério do porvir numa

imagem nítida e atual. São também os algoritmos que fornecem aos usuários novos caminhos para evitar que seus piores temores se tornem reais: comportamentos de baixo risco, por exemplo, prometem resultar em rostos menos enrugados ou poupanças mais gordas. São igualmente os algoritmos que, organizados por empresas associadas aos aplicativos, oferecerão produtos e serviços adequados a seus hábitos e aos riscos que eles supõem.

Operando em uma dinâmica de simulação e previsão, vigilância e estimativa, monitoramento de hábitos e presentificação das ameaças, os algoritmos acabam tendo efeitos importantes nos modos como nossas condutas são governadas. Ao apresentar as consequências futuras na tela do celular como resultante lógico das rotinas que somos ou não capazes de ter no presente, eles intervêm no agora, seja porque orientam certas ações (e inibem outras), seja porque seus resultados reforçam grades de inteligibilidade, reiteram verdades e se efetuam como discursos acerca do que deveria ser uma “boa velhice”. Cabe lembrar que, definidos como “rotinas logicamente encadeadas” (SILVEIRA, 2017, p. 268), os algoritmos não são meros instrumentos imparciais ou neutros. Ao contrário, o desenho desses cálculos pressupõe certos objetivos estratégicos, desenvolve-se a partir de determinada combinação de comandos e de já previstas finalidades. Com efeito, pertencem a uma maquinaria de governança, exercendo papel importante na condução de nossas escolhas, no modo de tomar decisões, no jeito que imaginamos o porvir, além de produzir concepções e verdades para a vida e, nesse caso específico, para o envelhecimento.

A empresa britânica de genômica pessoal e biotecnologia, 23andMe, uma das pioneiras a oferecer análises genéticas ao público em geral, disponibiliza, por 149 libras, o escaneamento do DNA²⁸. O cliente que contrata tal exame poderá conhecer as chances que tem de desenvolver enfermidades como Alzheimer ou, ainda, saber através de relatórios, informações sobre seus marcadores genéticos. Trata-se de diagnóstico médico, sustentado pela tecnociência que utiliza cada vez mais o futuro como referência para tomada de decisões no presente. Usar o futuro, nesse caso, significa transformar os dados muitas vezes ainda não aparentes em dados passíveis de ser monitorados, observados e transformados em intervenção. Uma capacidade de vigiar comportamentos ainda não atuais e utilizá-los na minimização dos perigos do amanhã - como prometem os relatórios da 23andMe, do Think With Google (MACEIRA; CALIXTO, 2019) ou os filmes

produzidos pela CableLabs²⁹. Isso significa, em termos empresariais e pessoais, uma vantagem significativa, um passo à frente na corrida meritocrática pelo sucesso.

Decerto, não é menos importante o papel da experiência que estabelecemos com o futuro, nem no diagrama da vigilância contemporânea, nem na governamentalidade para a qual ela trabalha. Atuando como um dos princípios reguladores desse tempo, a antecipação age por processos especulativos, legitimada por saberes das tecnociências (ADAMS; MURPHY; CLARKE, 2009). Essa antecipação, tornada crescentemente palpável pelas imagens das tecnociências, se alastra em muitos níveis da contemporaneidade, constituindo uma espécie de cultura da antecipação, que, chancelada por especialistas de áreas distintas, se autointitula o modo mais eficiente (ou talvez o único modo capaz) de administrar a vida e seus perigos³⁰. É importante destacar que, presentificando o futuro, tais tecnologias participam da produção de uma realidade de que as previsões do porvir se tornam parte fundamental, determinando a potência e o limite do que vivemos no agora. Trata-se, portanto, de um pretense controle do futuro; mais ainda: de uma vigilância que não é apenas justificada pelas imagens do que ainda não vivemos, mas é por elas também efetivada. São imagens que ultrapassam limites temporais, já que falam e fazem falar sobre algo que ainda não aconteceu, mas que, projetado nas telas dos celulares, é então vivido como atual. Nesse processo, a velhice - sua face enrugada e suas articulações enfraquecidas - se consolida como risco a ser ao máximo vigiado e postergado pelos indivíduos e pela sociedade. Não é surpreendente, por exemplo, que a maior ameaça da China seja, de acordo com a matéria publicada no *The New York Times*, a longevidade de sua população que, segundo a reportagem, estaria entre as “notícias terríveis para as perspectivas da segunda maior economia do mundo - e para aqueles que, ao redor do mundo, dela dependem”. O envelhecimento da população chinesa, afirma o jornal, “é o principal problema econômico da China, daqui em diante”. (CAMPBELL, 2019)

Assim, em uma dinâmica própria articulada com a busca de segurança da vida, da saúde, das finanças, do mercado ou do planeta, o presente é conformado em um contingente do futuro, um espaço em que são colocadas em pauta as possíveis projeções do que está por vir, que podem ou não acontecer, mas que devem ser de algum modo agenciadas, planejadas, otimizadas. Desse modo, entre os circuitos que legitimam a vigilância atual, a busca por segurança faz com que nos ofereçamos cada vez mais ao escrutínio de nossa saúde, de nossa pele, de nossas finanças, de nosso futuro. A segurança de ser

independente, de manter a pele saudável, de saber como evitar a perda de mobilidade aparece nas imagens de uma velhice contemporânea que tenta escapar à velhice como se ela fizesse parte das ameaças do amanhã. De fato, ampliam-se tanto os procedimentos de vigilância no âmbito da velhice quanto os motivos que os legitimam. Mais do que isso, trata-se de um amplo deslocamento das relações entre velhice e vigilância, de seus sentidos e efeitos - deslocamento que opera participando de novas configurações do próprio conceito de velhice, criando outros significados, potências e limites para o que é ser velho hoje.

Nesse processo, há um certo tipo de velhice (aquela menos autônoma, menos eficiente, menos conectada, menos ativa, provavelmente mais “real”) que só parece ganhar visibilidade nos discursos hegemônicos da contemporaneidade quando serve à narrativa do risco, do medo e do apelo à segurança. Passa-se, então, a estampar a imagem do que não desejamos, alimentando concomitantemente a imagem ideal (e monitorada) da velhice que deveríamos alcançar individualmente quando chegarmos ao fim da vida. É assim que a falta de mobilidade simulada pelo Senior Suit, os rostos enrugados do Change My face e a velhice da dependência financeira recebem luz nos circuitos de comunicação.

De fato, nossa atualidade figura modos muito próprios de vigiar e governar condutas: na dinâmica atual, todos somos potenciais alvos, e não apenas os confinados. Trata-se hoje de uma vigilância designada, entre outros fatores, a partir da indeterminação da natureza daqueles que observa, fazendo de todos nós alvos de monitoramento e, possivelmente, objetos de suspeita. (BRUNO, 2013; LYON, 1994) Mais que isso, trata-se de uma expansão espaçotemporal da vigilância que opera também sobre a velhice, posto que nem os espaços são exatamente restritos, nem mesmo o tempo da vigilância se limita ao presente. O futuro - antes mesmo de se efetivar - está cada vez mais monitorado digitalmente, perdendo nesse contexto sua alteridade e suas dimensões virtuais. Desse modo, simultaneamente às imagens desenhadas daquilo que se espera da velhice (administrável) da atualidade e enfeitadas pelas “alegrias do marketing” (DELEUZE, 1992), outra velhice também emerge diante de nós, aquela que tentamos desviar a cada gesto de antecipação, simulação e projeção dos riscos diante de nossos olhos.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BENTHAM, Jeremy. O panóptico ou a casa de inspeção. *In:* TADEU, Tomaz (org.). **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13-88.
- ADAMS, Vincanne; MURPHY, Michelle; CLARKE, Adele E. Anticipation: technoscience, life, affect, temporality. **Subjectivity**, New York, v. 28, p. 246-265, 2009.
- SANZ, Cláudia Linhares; PESSOA, Mirella. Nós, velhos de espírito jovem: risco e vigilância nos sentidos da velhice contemporânea. *In:* SIMPÓSIO INTERNACIONAL LAVITS, 6., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Disponível em: http://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Sanz_-Pessoa-2019-LAVITSS.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade em psicanálise. *In:* VERAS, Renato (org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 35-48.
- BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1267-1282, 2015.
- BRASIL. Decreto nº 9.274, de 7 de setembro de 1884. Dá Regulamento para o Asylo de Mendicidade da Côrte. **Leis do Império**, Rio de Janeiro, p. 432, 1884. Disponível em: <http://bit.ly/2yOg8wn>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.
- CAMPBELL, Charlie. China's aging population is a major threat to its future. **The New York Times**, New York, 7 fev. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2QMR800>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.

GREAT BRITAIN. **The administration and practical operation of the poor laws**. London: B. Fellowes, Ludgate street, 1834. Disponível em: <http://bit.ly/2KH05rj>. Acesso em: 16 ago. 2019.

JARDIM, Simone Silva. 'Velhice não é questão de idade; é falta de entusiasmo pela vida'. **Observatório da imprensa**, edição 792, 01/04/2014. Disponível em: <http://bit.ly/2H4nQH6>. Acesso em: 16 ago. 2019.

KATZ, Stephen. **Disciplining old age**: the formation of gerontological knowledge. London: University Press of Virginia, 1996.

KEPLER vision technologies monitors elderly at home: CES 2019. **Medgadjet**, 18 jan. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/31lY5uA>. Acesso em: 16 ago. 2019.

SANZ, Cláudia Linhares. Futurity and re-timing contemporary education: from Brazil's educational reform to the international agenda. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 40, e0212658, 2019.

LYON, David. **The electronic eye**: the rise of surveillance society. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MACEIRA, Rodrigo; CALIXTO, Natália. É hora de aposentar seu conceito de "velho": dados e insights sobre os seniores do Brasil. **Think with Google**, mar. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2VMMLYE>. Acesso em: 16 ago. 2019

MÉXICO. **Ordenanzas para el gobierno del hospicio de pobres de la Ciudad de México en sus quatro departamentos**. De Orden Superior. Cidade do México: Oficina de D. Mariano de Zuñiga y Ortiveros, 1806. Disponível em: <http://bit.ly/2N1TkSf>. Acesso em: 16 ago. 2019.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Morais Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

SAIS, Almir Pedro. **Dispositivo de velhice** : uma analítica interpretativa. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SAUNDBY, Robert. **Old age, its care and treatment in health and disease**. London: Arnold Publication, 1914.

SÍMBOLO para identificação de idoso não pode ser pejorativo, prevê projeto aprovado na CDH. **Senado Notícias**, Brasília, DF, 25 abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2uj7Tpg>. Acesso em: 16 ago. 2018.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 21, n. 1, p. 267-282, 2017.

TAKAHASHI, Dean. Tech companies finally care about helping older people. **Venture Beat**, 15 jan. 2019. Disponível em: <http://bit.ly/2KEnPfN>. Acesso em: 16 ago. 2019.

NOTAS

- 1 Este artigo é fruto da pesquisa financiada pela Capes, “FACES do futuro: imagens da velhice no regime de visibilidade contemporâneo”, versão modificada e atualizada do trabalho “Nós, velhos de espírito jovem: risco e vigilância nos sentidos da velhice contemporânea”, apresentado no VI Simpósio Internacional LAVITS, sediado na UFBA, de 26 a 28 de junho de 2019.
- 2 “Soluções integradas, tecnologia e projetos inovadores para o mercado de segurança brasileiro serão apresentados durante a 14ª Feira e Conferência Internacional de Segurança (ISC Brasil). [...]. A expectativa é que o evento movimente aproximadamente R\$ 800 milhões em negócios.” Disponível em: <http://bit.ly/31p5aKO>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 3 Quanto à vigilância dos idosos, a edição de 2019 da Consumer Electronic Show, feira internacional do mercado de tecnologias eletrônicas, apresentou diversos produtos referentes ao cuidado e monitoramento desse grupo (TAKAHASHI, 2019).
- 4 Segundo a propaganda da empresa que o fabrica, o Carepredict Home é a “a solução para pais e avós em qualquer parte do mundo que queiram envelhecer no conforto da sua própria casa de uma forma segura, inteligente e sustentável. Ao mesmo tempo, possibilita aos membros da família visibilidade constante, acesso inigualável às informações sobre a evolução da saúde de seus entes queridos. Permite também que eles tomem as decisões certas com antecedência.” Disponível em: <http://bit.ly/2WA0pdS>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 5 Além do Carepredict, podemos citar também o Man Down Detector, espécie de *smartcamera* calibrada para identificar comportamentos fora de um padrão estabelecido e enviar alertas para cuidadores e parentes do idosos que vigia. (KEPLER..., 2019)
- 6 Nessa e nas demais citações em idioma estrangeiro, a tradução é nossa.
- 7 Disponível em: <https://dfree.biz/en/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 8 Disponível em: <https://elliq.com/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 9 Disponível em: <http://bit.ly/2MMLuNC>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 10 Disponível em: <http://bit.ly/2VMMLYE>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 11 Segundo Ariès (1986, p. 48), a França antiga por exemplo “não respeitava velhice: era a idade do recolhimento, dos livros, da devoção e da caduquice”.
- 12 Disponível em: <http://bit.ly/2KXOowl>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 13 O mercantilismo vê-se prosperando, e, paralelamente a isso, crescem nas cidades britânicas a taxa de pedintes, “vagabundagem” e motins por comida. Pela prática de esmolar nas ruas, a lei estabelecia cobrança de multas aos indigentes, sendo eles classificados em três categorias: crianças, trabalhadores fisicamente capazes e doentes. De acordo com a legislação, a população idosa poderia ser categorizada a partir de suas capacidades físicas, entre os que poderiam trabalhar e aqueles cujas forças de trabalho já estivessem comprometidas devido ao avanço da idade ou de alguma enfermidade (Poor Law Amendment Act of 1834. Disponível em: <https://bit.ly/2JHajW3>. Acesso em: 16 ago. 2019.

- 14 Importante lembrar que as imagens da indiscernibilidade da velhice entre o fisiológico e o patológico caracterizam a classificação médica dessa etapa da vida na modernidade. É difícil distinguir quando se fala em uma velhice doente ou quando a própria velhice é a doença por si só.
- 15 Sobre os circuitos de legitimação da vigilância ver Bruno (2013).
- 16 A campanha do Banco Itaú, fez uma alusão aos *vloggers*, influenciadores digitais que usam vídeos publicados na internet para compartilhar seus pensamentos, seu dia a dia, sua intimidade. As garotas-propaganda do banco são as vovós que estão aprendendo, com muita facilidade, a utilizar essas tecnologias, que, segundo o discurso da campanha, facilitam a vida, tornando-a rápida e prática. Campanha disponível em: <http://bit.ly/2F4ulc7>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- 17 O filme criado pela CableLabs, espécie de “incubadora” de novas tecnologias eletrônicas e digitais, retrata como será a vida bem-sucedida dos idosos num “futuro próximo”. Disponível em: <http://bit.ly/2wSmcCX>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- 18 Disponível em: <http://bit.ly/2wSmcCX>. Acesso em: 18 set. 2019.
- 19 Empresário de 68 anos cria startup de nova moeda virtual, 2017. 1 vídeo (5min 51seg). Publicado pelo site Globoplay. Disponível em: <http://bit.ly/2KEcBYw>. Acesso em: 20 out. 2018.
- 20 “Velhice não é questão de idade; é falta de entusiasmo pela vida.” Disponível em: <http://bit.ly/2H4nQH6>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- 21 Similar ao novo pictograma aprovado para representar a população acima de 60 anos no Brasil (SÍMBOLO, 2018).
- 22 Para Ortega (2008), na contemporaneidade, o corpo possui autorreflexividade que em outros tempos correspondia à alma, sendo as bioasceses - os cuidados com saúde, procedimentos corporais e estéticos, manuais de saúde, terapia - as práticas direcionadas à busca de uma subjetividade que se efetiva externamente nesse corpo possuidor da marca identitária do sujeito contemporâneo.
- 23 Disponível em: <http://bit.ly/2XzWfUv>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- 24 Segundo seus criadores, o propósito maior do desenvolvimento da vestimenta é sensibilizar as pessoas, a partir da experiência concreta do envelhecimento, sobretudo aqueles que trabalham com idosos, em hospitais e clínicas.
- 25 Disponível em: <https://senior-suit.com/>. Acesso em: 10 jun. de 2019.
- 26 Ver mais exemplos em <https://changemyface.com/>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- 27 “Financial Fortune Teller”, disponível em: <https://changemyface.com/>, no menu “Case Studies”. Acesso em: 16 ago. 2019.
- 28 Sobre o exame, ver mais em <http://bit.ly/2WtIrcM>. Acesso em: 9 jun. de 2019.
- 29 Cf. nota 17.
- 30 Sobre a cultura da antecipação, o senso de futuro contemporâneo e suas relações com as tecnologias da imagem, ver Autor (2019).

Artigo recebido em: 20 de agosto de 2019.

Artigo aceito em: 5 de março de 2020.